

A RESSURREIÇÃO E O FIM DOS TEMPOS

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

A morte como abertura a Deus



EDITORIAL A.O.

Imagem da Capa

Teresa Peña, *La carrera de San Juan* (1983)
Catedral de Burgos

Grafismo

Miguel A. Rodrigues

Capa

Margarida Baldaia

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

468976/20

ISBN

978-972-39-0895-4

1ª edição

Maio de 2018

2ª edição

(1ª edição na Editorial AO)

Abril de 2020

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL

DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Índice

Anúncio e Desafio	11
I. Ao terceiro dia ressuscitou	13
O “terceiro dia”, um tempo nosso	13
O túmulo estava vazio	14
O ritmo do luto	15
A vida, um caminho purgatório	17
II. Ressurreição e reanimação	19
O corpo de Lázaro	22
III. O corpo que ressuscita	25
O que é para nós ressuscitar	26
A linguagem cristã sobre o corpo e o corpo como linguagem	28
Da escatologia à antropologia, do espírito ao corpo	33
IV. Vamos à morte que a vida é certa	37

V. Morte como abertura	
do homem a Deus	41
Morrer, matar, mortificar	41
A morte como morrer	41
A morte como matar	43
A morte como mortificação	47
Morto por abrir, morto por fechar	51
A vocação humana é morrer de amor	55
VI. O homem convive com a própria morte	63
Falar da morte	64
Atitudes perante a morte	
(abordagem filosófica)	69
A morte e depois (caminho	
para uma abordagem teológica)	73
Estádio final: morte e ressurreição	78
Aprender de Cristo e da sua morte,	
uma morte que revela	80
Conclusão	82
Bibliografia	84
VII. Morte, fim ou princípio	87
Com olhos de ver e “pre-ver”	87
Que diz a ciência: uma interrogação	92
Que diz a filosofia: uma exigência	94
Que diz a teologia: uma afirmação	96
Amor, fim e princípio	99

VIII. Encontro com o outro no fim da vida	101
IX. A perspectiva cristã do fim do mundo	111
O fim como acabamento	111
O sentido último da história	112
O que não faz sentido	113
Parusia significa vinda	115
Fim - cumprimento de uma gestação	117
O juízo	118
O fim como um perigo em vez de desejo de amor encontrado	119
Quando vem o Fim?	120
Ómega cósmico	121
O fim do mundo é a Parusia, o encontro	122
 Indicação de publicação	 125

*Obrigado! Agradeço a todos os que,
com a luz da sua amizade e da entrega
da sua vida, foram rasgando as trevas...
fazendo-me Crer/Ver a realidade da boa
nova da Ressurreição.*

Anúncio e Desafio

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

A Ressurreição

é a grande notícia, a Boa Notícia,
todo o Evangelho numa só Palavra.

Jesus Cristo está Vivo, Ressuscitou!

E todos somos chamados, criados,
para a Ressurreição, para a Vida Plena.

É o que faz sentido.

Que haja vida para além de todas as mortes

é o grito mais fundo

da inteligência e do coração humano.

E de toda a Criação, também. Que sentido faz
um rio que não desagua?

Mesmo que seque, a água não é aniquilada,
é transfigurada!

Quem tiver liberdade para Ver,
verá o longo processo da vida: o cosmos, afinal,
é uma cosmogénese,
a cosmogénese é uma antropogénese,
e esta é uma Cristogénese.
Somos tocados pela maldade, a destruição,
o orgulho e a mentira.
Mas nada apaga a voz mais funda do Amor,
do Espírito que vence
e do Filho que testemunha:
é no morrer de amor que se mata a morte!
Viver é passar, é arriscar-se à Alegria da Páscoa,
à Sabedoria de perder para encontrar.
Ou, tal como desejava
o Pe. Pierre Teilhard de Chardin:
mais que comungar ao morrer,
morrer comungando.
E assim foi: morreu no Domingo
de Páscoa (1955).

Páscoa de 2018

I

Ao terceiro dia ressuscitou

O “terceiro dia”, um tempo nosso

Esta expressão “ao terceiro dia...” é, na Escritura, um modo próprio de indicar o tempo certo para reencontrar e recuperar a vida perdida ou alcançar uma nova forma de viver, de entender e de ver as realidades mais profundas que escapam aos olhos da cara. Já a encontramos no profeta Oseias: “Ele dar-nos-á de novo a vida em dois dias; ao terceiro dia nos levantará e viveremos na sua presença” (Os 6, 2). Encontramos a expressão muito mais vezes do que parece e até no Novo Testamento, por exemplo, quando Maria e José perdem Jesus, aos doze anos, e o reencontram, renovado pela Casa do Pai, ao terceiro dia (Lc 2, 46).

Não é Jesus que fica “suspenso” três dias entre a sua morte e a sua ressurreição. Nós é que precisamos de um certo tempo para o

reencontrar e captar a sua nova forma de presença e modo de estar connosco, depois da sua morte. E isso pode levar o seu tempo: dias, anos, meses. Um primeiro tempo (“primeiro dia”) é de confusão, vazio e talvez revolta. Um “segundo dia” pode ser um longo percurso de busca e de conversão: um processo de aceitação para chegar “ao terceiro dia” em que se começa a ver tudo com uma nova luz e consolação. Ao “terceiro dia” encontramos o ressuscitado!

O túmulo estava vazio

Quando naquele domingo de Páscoa, logo de madrugada, as mulheres e os discípulos foram ao sepulcro (ainda nem dois dias tinham passado!) encontram-no vazio. Este vazio está cheio de mensagem! Os anjos lançam um anúncio fundamental: “Não andeis à procura d’Ele onde Ele não está!”. E a ausência do cadáver é um forte sinal sacramental. Tudo se transfigura, e a Ressurreição não é a recuperação do corpo físico, mas a aquisição um novo corpo – corpo espiritual, diz São Paulo (1Cor 15, 44) – que só se vê com os olhos da Fé, quando nos deixamos tocar pela sua nova presença: não só pelo fenómeno místico de uma aparição, mas também pela transformação que a graça opera em nós.

Poderemos, então, “vê-Lo” na vida dos nossos irmãos e, em particular, nos mais pequenos – isto é: na Galileia! (Mt 28, 10). E ainda: vemo-Lo a agir em toda a criação, e presente onde dois ou três estão reunidos em oração, bem como nos apelos interiores e na missão recebida, e na união que edifica a Igreja pela *fracção do pão*. Tudo isso nos é dito pelo túmulo vazio, através da “voz do anjo”: “Não está aqui!” (Lc 24, 6).

O ritmo do luto

Tal como na morte de Cristo há um apelo a encontrá-Lo presente na sua nova Vida de ressuscitado, também na nossa experiência de dor e de perda, perante a morte dos outros, nossos irmãos, somos desafiados a fazer um caminho de reconciliação com essa perda. Ou seja: como fazer um luto cristão? Como chegar “ao terceiro dia”?

Se Cristo ressuscitou, também nós ressuscitamos! (1Cor 15, 16). Acreditar nesta verdade essencial da Fé cristã predispõe-nos a iniciar um caminho interior e exterior para chegar ao Terceiro Dia. Isto é, chegar à paz possível perante a morte. Há quem permaneça na escuridão e conflito do Primeiro Tempo; e há quem se perca num Segundo Tempo de dor e

incompreensão... Mas também há exercícios espirituais que permitem ir fazendo um luto verdadeiro. Nem esquecimento, nem resignação, que não passam de aparências de paz a curto prazo. Então, o 1º passo: é agradecer. Agradecer todo o bem recebido e dado na relação com aquele(a) que “partiu deste mundo”. Essa é a herança que fica e ninguém nos tira. Agradecer também as dificuldades acontecidas nessa relação e ver como nos ensinaram. E agradecer que essa relação se tenha completado e já nada a pode estragar. O 2º passo: descobrir que a relação não acaba com a morte, transforma-se. E pode continuar-se com outra linguagem, mais interior. Entender que se rezo a Cristo, rezo a (e com) todos aqueles que “adormeceram em Cristo”. Mais: quando se comunga o Corpo de Cristo, comungamos com todos os que formam o Corpo místico de Cristo. O 3º passo: dar-se conta de como a morte, as perdas e as faltas, nos podem fazer crescer e amadurecer: ganhar em maturidade e em capacidade de relativizar tanta coisa que não é essencial; e tornar-nos mais próximos e compassivos com aqueles que sofrem. Há aqui uma grande sabedoria, própria dos cristãos, como alguém disse: transformar as feridas em bênçãos.

A vida, um caminho purgatório

A vida humana, inspirada pelo Espírito de amor, de justiça e de verdade é um caminho para Deus-Pai, através da purgação do egoísmo. Jesus veio chamar-nos e dar-nos a graça para esse caminho “purgatório” de toda a idolatria, da mentira e da violência. Podemos chegar à morte física, que nos desagua em Deus, ainda com muito (ou pouco) por purgar. Mas o abraço de amor do Pai, como Ele o deu ao filho mais novo da parábola de Lucas (Lc 15, 11ss), faz-nos dar a “volta ao estômago”: esse *per-dom* misericordioso nos converte plenamente, nos completa o purgatório e faz entrar na Festa, no Banquete da eternidade, no Céu. E assim só não entrará quem, com plena consciência e liberdade, não queira mesmo entrar.

Maio de 2018